Epílogo

Marcelo Sousa Brito

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BRITO, M.S. Epílogo. In: *O teatro que corre nas vias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2017, pp. 195-203. ISBN: 978-85-232-2001-3. <https://doi.org/10.7476/9788523220013.0007>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Epílogo

Quinze de fevereiro de 2016. Segunda-feira. Salvador-Bahia. A cidade começa a voltar ao normal depois de uma semana festejando o carnaval, mas antes do carnaval a cidade já havia passado por uma maratona festiva que começa com o início do verão e só termina efetivamente no final de semana após a Quarta-feira de Cinzas. É isso mesmo, porque depois do carnaval é preciso festejar o fim dele com as festas chamadas de “ressaca”, nas quais o folião vai curar a saudade de tudo que viveu no verão. Então, em Salvador, a vida começa, ou se normaliza, a partir de hoje.

Eu nunca passo o carnaval na cidade. Aproveito esse período para viajar e descansar um pouco e, neste ano, especialmente por conta da escrita deste livro, eu viajei para uma praia próxima de Salvador, no Litoral Norte, e lá nesses meus dias de repouso me dei conta de quão importante é a pausa durante um processo de pesquisa. Durante os meus quatro anos de trabalho algumas pausas se fizeram necessárias para que eu pudesse movimentar a minha pesquisa, fazê-la avançar.

E foi essa pausa carnavalesca que me fez pensar o quanto foi importante para mim os meses que passei na França. Um filme passou na minha cabeça. Imagens, lembranças, alegrias, tristezas, idas e vindas no tempo e a questão: por que a França? Essa pergunta me fez voltar ao passado e pensar no meu *corpo-lugar*, em como eu me ocupei em alimentá-lo com referências, vivências, emoções e memórias.

Estimular essa digressão aos 42 anos exige de mim essa pausa para fazer com que as lembranças se movimentem no meu pensamento enquanto sinto a brisa e o som do mar quebrando na praia.

Eu nasci em Itambé, cidade com pouco mais de 23 mil habitantes, situada no sudoeste da Bahia. Foi nessa pequena cidade que, ainda criança, eu tive acesso ao teatro. Aos dez anos de idade fui convidado por uma professora a fazer parte do grupo de teatro da cidade: o grupo de teatro “Astral”. Foi através da experiência artística com esse grupo que eu fui me entendendo enquanto ser no mundo. Fiz grandes amigos, participei de todas as atividades artísticas organizadas pelo grupo, que era a única referência cultural da cidade: montagem de espetáculos, organização de festivais de música e poesia e exposições de artistas plásticos. Tudo como possibilidade de movimentar a vida cultural das pessoas que ali viviam. Foi com os colegas do grupo “Astral” que eu comecei a me envolver politicamente e a me preocupar com a cidade e suas questões socioculturais. Foi ali também que sofri minhas primeiras dores de amor, as decepções com a vida, a esperança de dias melhores, o medo do que não vivi ou do que não vi, alimentando a curiosidade com o que se passava do outro lado do mundo. E, para mim, o outro lado do mundo era a França. Sim, a França que eu conhecia através das canções de Edith Piaf e Mireille Mathieu, que eu ouvia em fitas-cassete gravadas e a mim apresentadas por amigos mais velhos. Mesmo sem saber o que diziam as canções, eu me encantava com elas. Assim, descobri que a música e o teatro me faziam viajar, me deslocar no tempo e no espaço mesmo que só através da imaginação.

Em Itambé eu vivi até os meus 20 anos, então, muito do que sou hoje teve início nessa cidadezinha. Em 1994, eu e minha família nos mudamos para Vitória da Conquista, a maior cidade do sudoeste baiano. Essa mudança ficará gravada em minha memória para toda a vida. Uma mudança trágica, resultado de uma guerra familiar que culminou com a separação de meus pais. Apesar da dor, viver em uma cidade maior e onde eu tinha alguns amigos significava a possibilidade de continuar o que em Itambé já não era mais possível: teatro. Foi o que aconteceu. Convidado pelo diretor teatral Leonel Nunes, comecei a trabalhar profissionalmente em teatro e com ele viajamos durante dois anos pelas cidades da região. Esse encantamento não durou mais do que isso e a falta de incentivo começou a dificultar as produções artísticas. Era e ainda é muito complicado produzir arte no interior da Bahia e acredito que no interior de todo o Brasil. Por isso, minha permanência em Vitória da Conquista começava a ficar comprometida. Uma angústia me invadia. Era como se eu ainda não houvesse encontrado meu lugar no mundo.

Um ano se passou e minha angústia só aumentava. Havia um vazio em mim e, conversando com um amigo, o também ator Adão de Albuquerque, decidimos que eu viria para Salvador com o intuito de reunir profissionais e levantar uma produção para um antigo projeto nosso, a comédia “Pró-Fana e Pró-Míscua”. Assim, ele me ajudaria a me mudar para Salvador e eu buscaria meios para a realização do espetáculo, enquanto ele continuava em Vitória da Conquista atuando como professor de geografia.

Em 1998 eu chego a Salvador, no bairro dos Barris, e me hospedo com amigos atores vindos também do interior da Bahia. Dias difíceis de solidão e medo, mas também de outras descobertas, outras vivências. Já não era mais o menino que sonhava em conhecer o mundo nem o adolescente rebelde que podia tudo fazer para continuar a vida como artista. A vida dura da cidade grande começava a me anestesiar e a me preparar para ser um homem responsável por suas escolhas.

Anos se passaram em Salvador, a vida cada dia mais complicada, mais intensa, mais urgente. Outras pessoas surgem no meu caminho e com elas o estímulo para retomar os estudos. Foi assim, frequentando a Escola de Teatro da UFBA, onde eu cursava Mímica Corporal Dramática como curso de extensão, que eu descobri a direção teatral. Foi essa descoberta que me fez perder o medo da Universidade, dos estudos, o medo de não ser aprovado no vestibular, o medo de fracassar. O meu desejo foi maior, e o estudo foi me nutrindo de força e coragem: ainda na graduação, a França voltou a fazer parte de minha vida. Com a ajuda e incentivo de um amigo comecei a estudar francês com o intuito de um dia cursar algumas disciplinas por lá. E foi o que aconteceu. Com muita dedicação eu concluí o curso de francês e, em 2002, eu desembarcava em Paris para uma temporada de nove meses para cursar *Théâtre de rue* e *L’art de la performance* na Universidade de Paris-VIII – *Sorbonne-Nouvelle*. A escolha por essas disciplinas foi um tanto aleatória. De minha parte foram as que eu mais me identificava e da parte da Universidade foram, naquele semestre, as únicas nas quais os professores aceitaram a presença de um estrangeiro que não havia feito o processo seletivo correspondente ao vestibular. Ironia do destino à parte, foi a partir daí que eu comecei a me encantar pelas práticas urbanas na arte e no teatro. Foi nessa temporada francesa que eu aprendi também que o “outro lado do mundo” vai muito além da França e, mesmo em viagens curtas por Roma, Viena, Amsterdã, Bruxelas e Barcelona a minha própria cartografia

de mundo (e sua geografia) começava a fazer parte de minha vida a partir da experiência como viajante que não se encerraria ali.

Voltei para o Brasil, concluí o curso de bacharelado em Direção Teatral e criei o Coletivo Cruéis Tentadores como estímulo para reunir artistas e trabalhar a relação teatro e cidade. Entrei no mestrado em Artes Cênicas na mesma instituição (PPGAC-UFBA). Senti a necessidade de aprender outra língua estrangeira e como não me seduzia pelo inglês me aventurei no alemão. Dores de cabeça, sensação de impotência e novamente o medo de fracassar eram constantes. Aqui, nesse momento, eu começava a entender a complexidade do mundo, sua diversidade cultural e suas peculiaridades, o quão distante estamos de civilizações antigas que, com suas ações civilizatórias, nos impregnaram com rastros de suas histórias, fazendo de nós brasileiros um pouco órfãos de referências que, às vezes, nem sabemos onde encontrar. E nem precisamos de exame de DNA. O brasileiro é mestiço por natureza e é essa mistura que sou o que mais me interessa. É essa sensação de que tudo sou e de que nada sou que me faz ver o mundo com os olhos do encantamento, da descoberta ou da certeza de que em cada lugar há um pouco de mim e que há em mim um pouco de cada lugar.

Eu não tive o mesmo sucesso de aprendizado com o alemão, talvez porque eu já sonhava com o francês ainda criança, mas, mesmo assim, em 2009 eu tranquei o mestrado e passei três meses em Berlim. Período curto, mas intenso. Lá eu comecei, de forma intuitiva e solitária, a pesquisar o que o corpo pode armazenar como referências a civilizações passadas, assim eu frequentava e ocupava ruínas, perdia-me nas ruas, visitava sítios históricos e observava aquela cidade que, mesmo após a queda do muro, mantinha-se dividida. Dividida por um muro que se mantinha erguido nas marcas deixadas nos corpos e nas almas daquelas pessoas. E eu lá, buscando o que havia de mim nisso tudo e se não havia nada de mim é porque eu precisava, em mim, de um pouco daquela história de vida. Foi em Berlim que eu conheci o ativista Frieder Bronner, um dos colaboradores alemães do *Living Theatre*, durante a passagem do grupo por Berlim em 1990. Foi com Frieder e outros amigos que realizamos uma ação performática durante uma manifestação contra a energia nuclear e a instalação de usinas nucleares na Europa. Foi uma forma de experimentar meu corpo em outra realidade, alimentando meu *corpo-lugar* com informações e sensações tão

distantes de mim. Essa viagem mexeu muito comigo e me fez aproximar daquela língua tão difícil de aprender e assimilar. Pelo menos eu aprendi a simpatizar com aquela língua e o sofrimento durante as aulas de alemão ficaram para trás, mas, com o retorno ao Brasil e a necessidade de organizar as ideias de tudo que vivi em Berlim, os cursos de alemão acabaram também ficando para trás. Como na vida tudo tem seu tempo, acredito que ainda chegará o tempo de sentir a Alemanha e a língua alemã mais próximos de mim.

Com o mestrado concluído e a dissertação transformada em livro, publicado pela Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA), com o título *O teatro invadindo a cidade*, veio novamente outra pausa. Precisava dar um passo adiante. Já havia me envolvido com dança, *performance*, intervenção urbana, trabalhado como ator, dançarino, diretor e *performer*. A relação teatro-cidade já se fazia presente em minha pesquisa de mestrado, mas faltava algo, faltava fazer avançar a discussão ou então aprofundar esse estudo: pensar mais profundamente nesses atores e diretores que abandonam o edifício teatral para ocupar a cidade como lugar para suas criações. E foi aí que me veio a ideia de fazer dialogar teatro, geografia e fenomenologia como meio de criação de uma *metodologia experimental* para criação de personagens. Assim surgiu *O teatro que corre nas vias* e a escolha por esse título veio cheia de simbologias, principalmente porque era o momento de tratar não só o teatro que corre nas vias das cidades, mas também do teatro que corre como sangue nas veias dos corpos dos artistas. E é, aliás, por isso também que os entrevistados e atores que colaboraram com a pesquisa estão tão presentes neste livro.

E é nesse momento que a França volta a cruzar o meu caminho. Dessa vez não como o lugar idealizado na infância, mas sim como o lugar onde eu poderia viver outra realidade que não era a minha. Na intenção de me aproximar mais da geografia, o que me daria mais suporte para trabalhar com conceitos importantes para essa pesquisa, como lugar e cidade, é que decidi retornar para a França para realizar parte dessa pesquisa no laboratório *Espace, Nature et Culture*, da Universidade de Paris IV-Sorbonne, com a professora Francine Barthe-Deloisy. E, em fevereiro de 2015, eu desembarco na capital francesa para uma estadia de seis meses.

Foi nesse período vivendo fora do meu país, falando outra língua, compartilhando outros costumes e dialogando com minha diretora de pesquisa que

eu percebi como eu atuo enquanto pesquisador. Chegar até essa descoberta e ter essa consciência já é um passo muito importante para quem quer dar continuidade a uma carreira acadêmica. Dentre essas descobertas me veio a certeza de que é a fenomenologia que me dá régua e compasso para defender e experimentar minhas ideias. Eu preciso viver a experiência, eu preciso me relacionar com o mundo e com as pessoas, preciso ter tempo para digerir os acontecimentos, dar tempo para que os fenômenos aconteçam; viver esses fenômenos para depois analisá-los, mas também refleti-los enquanto são vividos; refletir sempre em relação com o que se passa à minha volta. E a escrita segue também desse modo, nesse mesmo processo. Primeiro, é preciso que toda a experiência seja vivida, depois é necessário um tempo para que a experiência seja apropriada por mim, como o vinho que precisa ser decantado, e só aí é que eu me sinto seguro para sentar diante de uma tela em branco e começar a materializar o pensamento. Enquanto não paro para escrever, anotações, rabiscos, fotos e conversas são produzidas como forma de manter meu pensamento vivo e conectado com a prática.

E o tempo, os prazos, as leituras, tudo isso é organizado dentro dessa mesma dinâmica. Com essa consciência começa a nascer em mim um pesquisador. Agora me sinto mais seguro para defender minhas ideias não como uma certeza absoluta, mas como janelas que se abrem e me guiam rumo ao conhecimento, à dúvida, à curiosidade, ao desejo de descobrir e viver o que não vivi. Saber que ainda tenho muito chão pela frente: e isso me anima e me faz entender essas últimas páginas não como um fim, mas como um passo adiante para que novos passos sejam dados. Cada um no seu tempo.

E aqui, diante dessa tela não mais em branco, eu observo as janelas abertas que são esse livro e me dou conta das tantas janelas que ainda tenho para abrir. Além de janelas, este livro abrirá portas para esse novo pesquisador que nasce com ela.

Minha intenção com este livro é de render homenagem ao teatro, que, a meu ver, é a base para todas essas vertentes estéticas apresentadas aqui. Independentemente dos momentos de crise ao longo de sua história, o teatro continua e continuará vivo porque é através da crise que nós nos reinventamos. Então seja na *performance*, na intervenção urbana, no *happening* ou agora com a *intervenção viária*, o que concluo é que foi o teatro que abriu portas para que,

através das crises vividas, surgissem essas variantes. E aqui, por mais que essa *metodologia experimental* possa ser experimentada por músicos, bailarinos, poetas e *performers* são os atores os focos principais.

Não é fácil reunir profissionais que abracem um projeto sem patrocínio. Foi essa uma das maiores dificuldades do processo. Lidar com o tempo e a disponibilidade de cada um, adaptar cada etapa em consideração à ausência ou à desistência de um ou mais participantes fez com que a pesquisa fosse pensada e repensada a cada instante. Por conta dessas adaptações, no capítulo dois, eu não pude me dedicar à criação das cartografias juntamente com os atores. A ideia era de que cada ator criasse, durante a experiência, sua cartografia referente ao itinerário percorrido por cada um. Mas, diante da dificuldade de organizar o tempo, foi necessário convidar um profissional, o colega Mateus Barbosa, para elaborar os mapas a partir das narrativas. Por mais que eu, enquanto viajante ou alguém que gosta de conhecer a cidade, não consigo me entender, me localizar através da leitura de mapas, eu considero importante no meu trabalho o uso de cartografias, sejam elas lúdicas ou não. O mapa aqui é a representação do vivido. As narrativas só se completam em relação com as cartografias, o que possibilita ao leitor viajar junto com ator, com espaço para construir suas próprias impressões. Para o processo se realizar em sua integridade, é preciso completar a equação cartografia + narrativa + leitor.

Nestas condições de falta de incentivo financeiro não tivemos tempo também para que, durante o processo de criação da segunda *intervenção viária*, nos dedicássemos à criação de textos, apesar de termos construído uma dramaturgia do lugar. Então, como medida de emergência, eu selecionei trechos das falas dos entrevistados e distribuí para os atores, levando em conta características presentes nos personagens que eles vinham trabalhando. Isso contribuiu para que eles tivessem repertório e estímulo para produzir o próprio discurso no curso dos acontecimentos. Foi como se eles precisassem de um *start* para pensar como o personagem e não como eles mesmos.

Foi muito importante para a pesquisa ter tido a oportunidade de realizar a *intervenção viária* “Atenção: artistas trabalhando!”. Somente nessa segunda etapa do processo é que a metodologia pôde ser experimentada em sua essência. A partir daí foi possível definir mais claramente a *metodologia experimental* e concluir o que vinha sendo construído desde o primeiro capítulo: uma pesqui-

sa que não se propõe a dissociar o empírico da teoria, mas que pensa a experiência e a vivência construindo a teoria. Na verdade, aqui, o empírico – a vivência, a experiência – é(são) tratado(s) como uma teoria radical, tudo caminha junto. O empírico – a experiência, a vivência – imbricado(s) na teoria. E isso é o que me define também enquanto pesquisador, acessando teoria e prática ao mesmo tempo em minhas criações.

Assim, abro a possibilidade de, através da geografia e da fenomenologia, fazer avançar a discussão da apropriação do espaço urbano pelo teatro. Uma contribuição que não se encerra aqui. Ao contrário! É com as portas e janelas que essa pesquisa me abre que eu dedicarei os próximos anos de minha vida, aprofundando, a partir de outras práticas e reflexões, os conceitos – *lugar-cênico* e *corpo-lugar* –, a categoria da práxis – *intervenção viária* – e a essência da relação teatro e cidade – *teatricidade* – apresentados neste livro.

Sou feliz com o tempo que tive: quatro anos para estruturar a pesquisa, escolher meu quadro de entrevistados, viajar para entrevistá-los, pensar a prática, realizar a prática, reunir bibliografia, pensar, pensar mais, viver, viver mais, viajar para a França, viver como estrangeiro a realidade de outro país, escrever, ler, sonhar, cair na real, viver, sentir saudade, voltar ao Brasil, escrever, realizar mais prática, pausa para pensar, viver, escrever, escrever, escrever.

Agora, diante de minha janela, paro e penso que, independentemente do que consegui com essa pesquisa e com o que ainda tenho que apurar, avançar e dar consistência, a hora do ponto final sempre chega, mas esse ponto final significa também que temos que saber a hora de dar outro salto, de abrir outras portas e janelas. Nós não podemos dar conta de tudo, esgotar um assunto, uma ideia. É preciso deixar sempre um pouco ou muito para continuarmos vivos e estimulados a continuar. O que trago aqui foi aquilo que, a partir de minhas escolhas, julguei importante para o momento, como realização desses quatro anos de pesquisa, e que, na verdade, não começou e nem se encerra aqui, com o livro.

O teatro é o que somos. É a expressão do nosso tempo. Tudo está em crise, os modelos estão em crise, a educação, a política e a economia do país estão em crise, e com o teatro não é diferente, embora a crise não impeça que exista espaço para todo tipo de teatro. Algumas formas vão se cristalizando, tornando-se clichês, mas cabe a nós lançar o estímulo e procurar reinventá-las, com o intui-

to de manter o teatro sempre vivo e se relacionando com seu tempo, sem a exigência de certo ou errado, simplesmente pensando que o teatro é um meio de mudança que produz e revela pausas e movimentos na história da humanidade.

Esse teatro que desde a infância me acompanha e faz de mim um ser no mundo, mais atento aos acontecimentos da vida, ainda me possibilitará muitas idas e vindas no tempo e no espaço. E isso independe de crises e transformações porque essa arte tão antiga pode tudo: encaixar-se entre quatro paredes, ganhar a cidade, as ruas, as vias, o mundo, tornar-se virtual, com ou sem texto, com ou sem ator, se aproximar ou se distanciar do público, criar estranhamento, repulsa, confundir-se com outras linguagens, mas, acabar, nunca! Pelo menos não na vida e no corpo de pessoas que têm o teatro como o sangue correndo nas veias.